

**(RE)PENSANDO A IDENTIDADE NACIONAL, DO “HOMEM CORDIAL ÀS ELITES DO ATRASO”: UMA INTERPRETAÇÃO DO BRASIL EM DISPUTA**

Joel Júnior Cavalcante<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo centrar-se-á em uma análise sobre a mais recente interpretação do Brasil e dos problemas nacionais no debate da corrente teórica denominada pensamento social brasileiro, quais sejam: a suposta herança ibérica em nossa sociabilidade, a corrupção, o patrimonialismo, personalismo, a relação do cidadão com o Estado e, por fim, o caráter nacional que se funde nesse amalgamado político-cultural. As problematizações que serão feitas criam uma interface entre a recente obra de Jessé Souza, *A Elite do Atraso (2017)*, *best seller* recente da Sociologia nacional, aclamado e questionado no campo acadêmico, em diálogo com a obra de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil (1936)*, interpretação clássica de nossa brasilidade e da noção de “homem cordial” que ora é problematizada. As nuances teóricas entre essas duas obras serão expostas com uma abordagem analítica, que tenta pensar os atuais problemas brasileiros e os desafios intelectuais e políticos do complexo cenário em que vivemos.

**Palavras-chave:** homem cordial, patrimonialismo, identidade nacional.

**ABSTRACT:** This article will focus on an analysis of the most recent interpretation of Brazil and the national problems in the debate of the theoretical current called Brazilian social thought, namely: the supposed Iberian heritage in our sociability, corruption, patrimonialism, personalism, the relation of the citizen to the State and, finally, the national character that fuses in this political-cultural amalgamate. The problematizations that will be made create an interface between the recent work of Jessé Souza, *The Elite of Delay (2017)*, the recent best seller of national sociology, acclaimed and questioned in the academic field, in dialogue with the work of Sérgio Buarque de Holanda (1936), *Roots of Brazil*, classical interpretation of our Brazilianness and the notion of "cordial man" that is now problematized. The theoretical nuances between these two works will be presented with an analytical approach, which tries to think about the current Brazilian problems and the intellectual and political challenges of the complex scenario in which we live.

**Keywords:** cordial man, patrimonialism, national identity.

---

<sup>1</sup> Joel J. Cavalcante é mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutorando em Educação pela UFMS e professor de Sociologia no IFPR (IFPR).

## Introdução

Vivemos atualmente no Brasil um dos mais complexos momentos de nossa história. A nossa jovem, e tão combatida, democracia está em cheque após o golpe jurídico-parlamentar e midiático de 2016. Parte dessa crise é também resultado de uma crise mais ampla em escala mundial: a negação e demonização da política, o ativismo judiciário, o crescimento de uma onda conservadora com traços fascistas, as crises migratórias e reascensão da xenofobia, são partes desse processo que emergem em proporções globais. O avanço do capital e uma crise geral das instituições sociais marca o início de um século problemático, que talvez apenas o distanciamento histórico nos permita a compreensão mais clara<sup>2</sup>. O que não impede de movermos esforços para sua compreensão no presente momento.

Há que se considerar, no entanto, que os momentos de crise e de questionamento aos modelos explicativos vigentes, são terrenos férteis para as novas narrativas e explicações sobre realidade social. A quebra de paradigmas na produção do conhecimento se faz nesses momentos. Essa é a aposta de Jessé Souza para o caso brasileiro. Defende que não há mudança social sem uma profunda crítica social, advogando que é preciso superar a interpretação clássica que explica o Brasil, à direita e à esquerda, embasada nas teses do “patrimonialismo” e da herança ibérica que formaram o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda.

A *Elite do Atraso: da escravidão à Lava Jato* (2017), do sociólogo brasileiro Jessé Souza, é uma obra recente que encontrou boa aceitação no mundo acadêmico, político e intelectual, tornando-se um *best-seller* estando listado entre os campeões de vendas em livrarias não especializadas, obra que vem mobilizando debates e movendo estruturas do pensamento social brasileiro.

Jessé Souza coloca-se no campo disposto a superar um dos expoentes clássicos do pensamento social brasileiro, em especial Raízes do Brasil (1936), um dos marcos da

---

<sup>2</sup> Singer (2013) relembra que após os levantes do Maio de 68 na França, Jean Paul Sartre alegou que seriam necessários anos, talvez décadas, para uma compreensão clara do que representou aquele processo. Os episódios das chamadas “Jornadas de Junho de 2013” aqui no Brasil e todos os seus desdobramentos: do golpe de 2016 até o momento atual, certamente guardam semelhanças, a serem compreendidas pelos pesquisadores nos anos vindouros.

Sociologia no Brasil. Não poupa também críticas a Raimundo Faoro, outro notável e respeitado intérprete do Brasil, na escola que a Sociologia tupiniquim convencionou a classificar como “pensamento social brasileiro”. Mais curioso ainda é que, Jessé não nutre uma crítica com reconhecimento aos autores supracitados, do contrário, tenta refutar enfaticamente as teorias com as quais dialoga.

Nesse tipo de releitura crítica, mesmo as mais contundentes, é comum aos autores que buscam colocar-se no campo e/ou quando pretendem impor novos paradigmas, o reconhecimento do momento histórico da obra que analisa, ponderando sobre as bases que tinham disponíveis naquele momento, numa espécie reverência intelectual, ainda que busque uma superação teórica. Não é o caso de Jessé. A intenção declarada que se evidencia na construção teórica e discursiva é colocar-se no campo como um novo paradigma para explicação dos problemas nacionais, o que por sinal, gera um sem número de polêmicas no campo acadêmico e político, com seguidores e críticos à sua postura assertiva- como defende nesse texto- ao apontar que: “o avanço efetivo do conhecimento se dá, portanto, com a superação de paradigmas envelhecidos” (SOUZA, 2017, p.14).

Na esteira dessa polêmica, a editora “Outras Palavras” publicou um artigo em seu site fazendo uma nota de defesa a Sérgio Buarque de Holanda. Escrito pela filósofa Ina Camargo Costa que classifica Jessé como “detrator” da obra de Holanda. Observa que, o historiador sempre foi receptivo e teve disposição para argumentar com os críticos de sua obra, mas sempre exigiu um mínimo de “qualificação mental” desses. Assevera ainda: “a pretexto de atacar o conservadorismo, Jessé Souza investe contra intelectuais que ajudaram a construir o pensamento crítico brasileiro. Ignorância? Ou simples desejo de espalhafato?” (COSTA, 2018), a filósofa questiona e coloca em suspeição a formação inicial de Jessé, bacharel em Direito, e sua postura política “anticomunista” e “antissocialista”, adepto ao “capitalismo regulamentado”, como se define.

Pontua, por fim, que o autor, de maneira equivocada, relegou o sucesso e repercussão do desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, no carnaval de 2018, como inspiração à sua obra, o que segundo Ina Carvalho foi um envaidecimento equivocado, já que o tema do desfile já estava definido muito antes do lançamento do

livro, publicado em Setembro de 2017. Ina diz que o livro faz uma exumação grosseira do termo “vira-lata” e da ideia de “complexo de vira-lata” do brasileiro, criado inicialmente pelo jornalista Nelson Rodrigues. Sublinha que Jessé, ao tentar criticar o elitismo, que dá inclusive título ao livro, acaba por usar um termo igualmente elitista e hierarquizante, já que “vira-lata” seria na definição popular um cachorro “sem pedigree”. A autora tenta desconstruir ainda uma série de pressupostos históricos, sociológicos presentes na obra de Jessé, em alusão a Buarque, que segundo ela são equivocados. Observa-se que a postura assertiva e incisivamente crítica de Jessé cria um sem número de polêmicas no campo acadêmico.

A edição n. 234 da *Revista Cult*, de maio de 2018, traz uma entrevista com o sociólogo, onde aponta o grande “UFC retórico no campo da esquerda” que Jessé criou, contenda intelectual na qual o autor era cômico: “Eu sabia que ia ter oposição dentro da academia” (2018, p.15). A matéria que lhe classifica como “Intérprete de um Brasil só”, trata dessas polêmicas que as teorias ora apresentadas, e a forma que o pesquisador se coloca ao refutar enfaticamente a hegemonia do pensamento patrimonialista nas explicações sobre o Brasil. Assevera ainda que, é importante uma nova interpretação do Brasil para a esquerda e para o pensamento progressista que se descole do moralismo conservador, que tange sempre a corrupção do Estado, como problema nacional inerente à nossa constituição sociocultural:

Eu acho que essa interpretação alternativa permite retirar a esquerda-aqueles que defendem os interesses da maioria da população precarizada e explorada-da posição defensiva em relação à armadilha do moralismo seletivo e assumir uma posição proativa a partir da percepção do Brasil sob a égide da rapina da elite, da desigualdade e do ódio ao pobre como herança escravocrata. Acho que reponho, portanto, a hierarquia de questões mais importantes que as noções de personalismo, patrimonialismo e populismo haviam tentado” (SOUZA, 2018, p.19)

É, sem dúvida uma aposta ousada, que apenas o tempo demonstrará sua efetividade no campo acadêmico, no presente momento tem dado certo. Vamos a elas!

### **A cordialidade versus as Elites do Atraso**

A cordialidade brasileira já foi trabalhada por vários autores, mas o germe do pensamento que se espalhou no imaginário social advém da obra de Sérgio Buarque de *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 22, 2º sem. 2018, p. 50-59.

Holanda, no seu clássico *Raízes do Brasil (1936)*, marco da Sociologia brasileira. Nele, o historiador paulista caracteriza a formação da sociabilidade do homem brasileiro em contato com os traços culturais dos portugueses, nossos colonizadores. A sociedade brasileira teria herdado muitos comportamentos ibéricos no período da colônia que se propalaram no seu desvelar histórico. Desse modo, as formas de pensar, sentir, relacionar-se com o trabalho e com a “coisa” pública (Estado) e toda a subjetividade cultural que nos singulariza, teriam sido transmitidas no contato primário de nossos antepassados, com o homem lusitano colonizador.

O cerne dessa teoria da cordialidade do brasileiro pode ser compreendido pela própria definição etimológica da palavra “*cordis*”, que no latim remete a coração, ou “agir pelo coração”, sendo a passionalidade um eixo condutor do nosso comportamento. Ou nas palavras do próprio autor:

A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões do convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’. (HOLANDA, 2004, p. 146/7)

O autor ressalta o aspecto afetivo e passional no qual o brasileiro pauta suas relações. Contudo, essa generosidade e hospitalidade, reconhecida amplamente por estrangeiros, mesmo que inicialmente aparente uma virtude do nosso povo, esconde um sentido secundário no interior dessas relações, já que há sempre um interesse secundário nessas formas plásticas, por isso, ao final da passagem supracitada, Holanda sublinha que esse perfil cultural não se trata de “boas maneiras”. Buarque compara ainda a diferença do comportamento brasileiro com o dos japoneses, esses pautados pela polidez e descrição, ao contrário dos brasileiros que possuem uma aversão dos protocolos e ritos sociais: “nenhum povo está mais distante dessa noção de ritualística da vida que o brasileiro” (HOLANDA, 2004, p.147). Nesse pensamento, nossa forma primária de lidar com os outros, pautando sempre a quebra de protocolos, a intimidade, a afetividade, afasta-nos de um modo mais civilizado e racional, já que para o autor, a polidez é uma forma de organização e defesa ausente em nossa cultura. Pelo contrário, o respeito e a reverência aqui são tratados pelo desejo de intimidade.

Holanda cita que esse desejo de intimidade nos caracteriza significativamente até mesmo nas formas linguísticas com que relacionarmos. Até mesmo o emprego de diminutivos linguísticos: “inho”, “inha”, aos moldes do usual: “faz um favorzinho”, ou mesmo quando empregamos o prefixo em algum nome pessoal, são formas forçadas de aproximação e intimidade. “É uma maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e aproximá-los do coração” (HOLANDA, 2014, p. 148). Desse modo, as formas léxicas com as quais nos relacionamos revelam nossas formas de sociabilidade.

A grande problemática apontada por Sérgio Buarque é que por trás desse verniz afetivo há sempre interesses escusos, formas ocultas e estratégicas de tirar proveito nas relações sociais, interpessoais e/ou com o Estado. Essa cordialidade do homem brasileiro transfere-se para o Estado, pautando as relações que ocorrem nesse espaço, estruturando-o. O Estado acaba materializado como uma instituição que abriga o interesse de grupos que se apropriam dessa máquina. Nessa extensão das formas de sociabilidade que se infiltram e se capilarizam no Estado deflagra-se a grande problemática nacional: a não distinção entre o público e o privado, que como na confluência de dois rios, misturam-se, dilui-se. Dando o tom de um modelo cultural que aparelha o Estado e do patrimônio público para fins privados. Cria-se assim, uma elite econômica que se perpetua no Estado, nessa teoria, o DNA de nossa corrupção, está no Estado, no que classifica como “patrimonialismo”.

Essa noção de cordialidade, patrimonialismo e, por conseguinte, de como nos relacionamos com a vida pública, logrou êxito nas explicações sobre o Brasil, inclusive popularizou-se no senso comum, já que a definição que temos de nós mesmos, comumente é relacionada ao “jeitinho brasileiro”<sup>3</sup>, às formas de sociabilidade que sempre encontram um atalho, uma forma mais simples (nem sempre lícita), para resolvermos as situações do cotidiano. O brasileiro é caracterizado como um povo “esperto”, “criativo”, “feliz”, que faz da “gambiarra nossa de cada dia” uma forma de operar sua sociabilidade. Essa explicação do Brasil e do brasileiro é encontrada nos vários espaços sociais, dos botecos de esquina aos meios acadêmicos intelectuais,

---

<sup>3</sup> O termo “jeitinho brasileiro” foi popularizado pelo antropólogo Roberto DaMatta, sobretudo em seus escritos “Carnaval, malandros e heróis”, lançado no final da década de 70. Mais tarde, em 1992, a antropóloga Livia Barbosa lançou o livro “Jeitinho Brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros” que reverbera as teorias de DaMatta sobre a identidade cultural dos brasileiros.

inclusive nos redutos da esquerda. Essa é a grande guerra teórica que Jessé Souza encampa, tentando desmistificar esse tipo de explicação reducionista de nosso país, concepção que, segundo ele, é estratégica por uma elite nos domina historicamente.

Nesse sentido, Jessé se propõe a explicar o Brasil desde o “ano zero”, refutando veementemente o pensamento hegemônico que explica o Brasil, tanto pela direita, quanto pela esquerda. O grande mote para a defesa dessa tese é que o grande problema nacional é que a corrupção que existe no mercado e não no Estado, não que essa última, “a corrupção dos tolos” não exista, mas a corrupção do mundo privado subjaz infinitamente maior à corrupção estatal, que julga metaforicamente como “aviõezinhos do tráfico” perto da verdadeira corrupção que aprofunda nossas desigualdades sociais.

Jessé pontua que a grande marca e influência para a nossa sociabilidade não foi a “herança portuguesa”, o que chama de “culturalismo”, mas sim a nossa escravidão, que foi a nossa maior e mais duradoura instituição, que deu o tom de nossas relações econômicas, familiares e culturais por mais de três séculos, dos cinco que temos de história. O modelo de escravidão que tivemos, além de um dos mais duros, foi um dos últimos a serem abolidos. Os reflexos dessas práticas certamente ainda estão entre nós, dado o pequeno hiato de tempo histórico que nos separa da abolição. Portanto, a raiz de nossa sociabilidade não se deve à herança portuguesa, mas sim a nossa herança escravocrata.

Essa herança escravocrata ainda tem raízes arraigadas no ódio de classe, tão evidente no Brasil, no ódio aos pobres e negros. Jessé assevera que no momento histórico que vivemos, emerge uma classe média ressentida com a perda, ou compartilhamento de alguns privilégios (ou seriam direitos?), com as classes populares alcançadas nas últimas décadas com o governo do PT. O ressentimento e ódio de classe levou parte dessa classe média às ruas para pedir o impeachment, movimento que nunca foi verdadeiramente contra a corrupção.

No seu mais recente relançado livro, *Subcidadania brasileira* (Leya, 2018), Jessé intensifica o seu ataque ao que chama da “corrupção dos tolos”, dando continuidade à sua marcha contra a interpretação dominante do Brasil, como defende no início do livro: “Desconstruir a falsa teoria hegemônica sobre o Brasil, que ‘tira onda’ de crítica social, baseada no que chamaria mais de ‘corrupção dos tolos’ e que logrou se

tornar uma espécie de ‘segunda pele’ de todo brasileiro” (SOUZA, 2018, p. 9-10). Como vimos, o autor coloca em xeque não apenas a teoria, que nomina de culturalismo conservador de Buarque, Faoro, mas também toda base do pensamento sociológico brasileiro, a “Sociologia do vira-lata” que se espalhou para o imaginário social do senso comum.

Aponta ainda que esse “viralatismo” cumpre hoje um papel importante, nesse momento histórico delicado e dramático de nosso país, que vê não apenas a Elite do Atraso tomar de assalto o nosso país, mas agora acompanhada pelas concepções fascistas e autoritárias que parte do eleitorado e da direita brasileira enveredou. Esse “viralatismo” justifica, por exemplo, a entrega do patrimônio público e das riquezas nacionais para o capital privado. O raciocínio que se coloca é: “entregar a Petrobrás para os estrangeiros é melhor que deixá-la para nossos políticos corruptos” (SOUZA, 2018, p. 12). Compreendendo, segundo Jessé, um domínio social que é simbólico e legitimado por ideias que, aparentemente, possuem um viés de crítica à corrupção, mas cumpre um papel de convencimento junto às massas para o entreguismo de nosso país.

Emenda ainda que, a elite econômica sabe usar muito bem esses movimentos de dominação da opinião pública:

(...) essa visão absurda e servil do brasileiro como lixo do mundo, que retira a autoestima e a autoconfiança de todo um povo, só logrou se tornar a ideia hegemônica entre nós porque se traduz em dinheiro e hegemonia política para a ínfima elite do dinheiro que nos domina há séculos. Essa ideia possibilita a união do desprezo das elites nacionais em relação à periferia do capitalismo, com o desprezo das elites pelo seu próprio povo. É apenas porque a sociologia do vira-lata serve como uma luva para a legitimação dos interesses econômicos e políticos dessas elites, o que explica que ela tenha se tornado a interpretação dominante da sociedade brasileira para si mesma até hoje. (SOUZA, 2018, p. 15)

Jessé, em alusão sarcástica, e ao mesmo tempo de deferência, o define como genial, Chico Buarque, filho de Sérgio, alegando que esse último criou a *Geni* brasileira, que seria o Estado, sempre corrupto (SOUZA, 2018, p. 19). Fazendo alusão à música *Geni e o Zepelin* de Chico Buarque, em que *Geni* é a personagem de uma prostituta que toda a sociedade condena hipocritamente, condenam para esconder seus desvios de conduta morais, mas recorrem a ela quando necessitam.



A raiz da contundência da crítica insistente do autor é que o mercado, os banqueiros com suas taxas de juros abusivas, o perdão e isenção de imposto a grandes corporações do mercado financeiro é ainda “divinizado”. Como se o mercado fosse a redenção de uma sociedade maculada pela corrupção no Estado. Há uma demonização do Estado, como extensão do homem cordial, e uma santificação do mercado. Lembra, inclusive, a comparação que comumente fazemos a suposta “moralidade” política e cultural dos EUA frente a nossa degeneração:

O que separa o americano do brasileiro é o que o primeiro legaliza a corrupção de modo profissional, deixando para os amadores do Brasil expedientes como esconder dinheiro na cueca. Outra distinção é que o americano não atenta contra a própria economia, como fez a Lava Jato, apoiado pela imprensa venal que populariza a sociologia do vira-lata todos os dias para um público indefeso e imbecilizado. (SOUZA, 2018, p. 19)

Portanto, Jessé faz uma crítica radical ao momento que vivemos, apontando que a corrupção fiscal no mercado é infinitamente maior ao “rombo” que se faz no Estado. Sendo uma criação discursiva e narrativa da verdadeira elite, a do mercado, para tomar o poder, refutando e classificando qualquer tentativa de governo e de uma soberania popular como “populismo”.

### **Considerações finais**

Com os argumentos ora apresentados nesse artigo, Jessé Souza coloca-se como novo intérprete do Brasil, convidando-nos de maneira inédita, incisiva e corajosa a uma reflexão profunda e radical sobre os sentidos de nosso país, em construção problemática e em disputa. Apresenta uma disputa narrativa que repensa o Brasil em um momento dramático da vida nacional, sem dúvida, o mais delicado e complexo após o regime militar. Em que pese todas as possíveis críticas que são feitas à sua empreitada intelectual, é seminal, entretanto, que se reconheça o esforço para se pensar o país para além dos modelos teóricos tradicionais. O que pode ser considerado como avanço ou retrocesso na linha do pensamento social brasileiro, mas que não pode ser ignorado no debate.

O Brasil atualmente adere a um movimento de extrema direita, com viés conservador, na esteira de uma onda que cresce vertiginosamente em escala mundial, é

sem dúvida, um país que nos apresenta elementos novos, que ainda como analistas das humanidades, estamos, não sem uma dose de perplexidade, tentando deglutir e entender. Em suma, o Brasil de hoje é um Brasil novo, que flerta com ideias antigas e, paradoxalmente, com as novas concepções presentes na política mundial, um amalgamado corpo sociopolítico a ser compreendido. É um movimento complexo que nos apresenta novos desafios, tanto intelectuais, quanto políticos. Jessé Souza, certamente, é uma figura que nos auxilia a pensar esse “novo-velho Brasil” em suas vicissitudes e contradições. Caro ao pensamento social brasileiro essa temática será uma das pautas fundamentais da agenda do país nos próximos tempos e dos demais desafios vindouros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Livia. *O Jeitinho Brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. 1. Ed. Vol I. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1992.

COSTA, Ina Camargo. *Polêmica: pela defesa de Sérgio Buarque*. Site Editora Outras Palavras. Publicado em 17/04/2018. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/polemica-em-defesa-sergio-buarque>>. Acesso em 14/10/2018.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. Ed. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1997.

HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. 26. Ed. 18. Imprensa. São Paulo-SP, Companhia das Letras, 2004.

SINGER, André. *Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas*. Dossiê: mobilizações, protestos e revoluções. Novos estud. - CEBRAP no.97 São Paulo Nov. 2013.

SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: da escravidão à Lava-Jato*. 1. Ed. Vol. I. Rio de Janeiro-RJ. Editora Leya, 2017.

\_\_\_\_\_. *Intérprete de um Brasil só*. Revista CULT. São Paulo-SP, n.234, p. 14-19, Maio, 2018.

\_\_\_\_\_. *Subcidadania brasileira: para entender o país para além do jeitinho brasileiro*. 1. Ed. Vol. I. Rio de Janeiro-RJ. Editora Leya, 2018.